

Uma Prenda Especial

- Força Rudolfo! – disse bem alto o Pai Natal.

Rudolfo era a rena lá da frente e iniciava¹ a corrida de cada vez que partiam para entregar mais uma prenda. O seu narizinho vermelho era o único entre as renas e muito especial. Com ele conseguia guiá-los a todos por entre o nevoeiro, de forma a nunca se perderem. Atrás de Rudolfo seguiam mais oito renas que puxavam aquele trenó magnífico. Lá dentro, o Pai Natal segurava as rédeas² com as quais indicava a direção a tomar. Junto a si e também no confortável banco de trás, onze pequenos duendes acomodavam-se³ em grande algazarra. Eram tão baixinhos que nem chegavam à barriga do Pai Natal. Sempre que paravam por cima de algumas casas, cada um descia com a sua corda por uma chaminé. Iam colocar a prenda junto da árvore de Natal de luzinhas a piscar, pois era ali o sítio certo para a deixarem.

Rudolfo puxou um pouco para a frente e todas as renas fizeram força para começarem a correr pelo céu fora. Em breve estavam a voar a uma velocidade estonteante⁴ deixando atrás aquele rasto⁵ de pontinhos brilhantes que todos bem conhecemos! *Ou será que ainda não tiveram a sorte de ver o trenó a passar num dos outros natais?*

¹ Começava

² São como umas cordas presas às renas

³ Tentavam sentar-se da melhor maneira

⁴ Velocidade tão grande que nos põe tontos

⁵ O brilho que fica quando o trenó passa

- Ó pequenas criaturas, comportem-se!⁶ – ralhou o Pai Natal sem abrandar a corrida das renas. Reinava tão grande confusão naquele trenó que mais parecia o recreio duma escola.

- Foi o Griflum que começou – queixou-se o pequenino Érpico apontando para o colega vestido de laranja. – Está a gozar comigo porque estou sujo, mas ele também está. Todas as chaminés têm fuligem⁷.

- Pois, pois, mas entre o gorro e essa tua fatiota verde só se veem duas bolas brancas. A tua cara está tão suja que só se veem os olhos! Eh, eh, eh! – E desataram todos a rir-se enquanto se empurravam uns aos outros, começando outra vez a confusão.

O Pai Natal olhou para cima com ar desesperado, mas paciência era coisa que felizmente não lhe faltava:

- Pronto pessoal, vamos lá a acalmar. Com esta barulheira toda ainda conseguem acordar alguma criança lá em baixo. Digam-me lá quantas prendas ainda faltam entregar.

De repente, onze cabecitas viraram-se ao mesmo tempo para a parte de trás do trenó onde ficava a zona de carga⁸ das prendas. *Podem perguntar como cabia tanta prenda para tanta criança naquele espaço, mas não se esqueçam que tudo aquilo que diz respeito a este transporte é mágico...* Bem podiam carregar todas as prendas lá para dentro porque aquela mala funcionava como se não tivesse fundo. E sempre que tiravam algumas, apareciam logo as outras que estavam por baixo.

⁶ Portem-se bem!

⁷ O pó escuro que o fumo deixa nas chaminés

⁸ Como uma mala de carro mas aberta

- Só falta entregar uma! – disse rapidamente Muriel, a duende de fato violeta. – E sou eu que entrego! Sou eu que entrego!

E voltou a confusão. Quem ia entregar a última prenda? Todos discutiam ao mesmo tempo, empurrão para cá, empurrão para lá, sou eu porque tu já foste, cala a boca que sou o mais velho, deixem-me ser eu que nunca fui, devia ser eu que sou a mais baixinha, queres apanh...

- Silêêêncio! – pediu o Pai Natal. – Se não se calam já, no próximo ano não trago nenhum de vocês. Deixam de ser os duendes mais famosos que acompanham o Pai Natal. Mas afinal quem manda aqui?

- Tu, Nicolau, és tu que mandas... - ouviu-se baixinho uma vozinha de duende. E todos se ajeitaram⁹ nos bancos, muito atentos.

Ah, pois! Ainda não vos tinha contado este pormenor, mas Nicolau é o verdadeiro nome do Pai Natal. Sabiam?

- Assim está melhor. Eu é que decido quem vai fazer a última entrega. Vejam, já se avista a casa naquela direção. – E o Pai Natal apontou para um pontinho de luz lá bem ao longe.

Chegaram rapidamente e as renas descreveram¹⁰ um círculo até o trenó ficar suspenso por cima duma casa enorme.

- E até já sei quem vai descer – continuou o Pai Natal. – Reparem só no tamanho desta chaminé. É a mais larga que vimos esta noite.

- Uau! – disse Griflum – Que bom, assim podemos ir todos e ninguém fica triste, certo Nicolau?

⁹ Direitinhos, cada um no seu lugar

¹⁰ Voaram à volta da casa

- Errado, meu pequenote! Quem vai entregar esta prenda... sou eu!

E assim foi. Depois de passar do trenó para a chaminé, o Pai Natal iniciou¹¹ a descida com a ajuda da escada de corda que era usada nalgumas situações mais difíceis. É certo que iria ficar todo enfarruscado¹² e com o seu fato sujo, mas não tinha importância. Dali iria direitinho para casa onde um banho de água quentinha o esperava. E então podia descansar após mais uma noite de Natal.

Um último esforço e lá estava ele no fundo da chaminé, agachado¹³ na enorme lareira. Ainda mal se preparava para sair para a sala quando esbarrachou o nariz contra algo ainda morno. Espantado, nem acreditava no que lhe estava a acontecer. Então não é que a lareira tinha um recuperador de calor¹⁴ e o vidro lhe tapava a saída?! Estava ali fechado sem poder colocar a prenda junto da árvore. E agora?

O Pai Natal pensou um pouco e decidiu que não podia voltar a subir e ir embora sem entregar a última prenda. E disse lá para cima:

- A lareira está fechada. Vou ter que esperar que a menina desta casa acorde e venha buscar a prenda para lhe pedir que abra o vidro.

E aí a menina ia ter uma surpresa. Era a primeira criança que ia mesmo estar com o Pai Natal e receber o presente pela mão dele!

E riu-se sozinho:

- Ó! Ó! Ó! Eu vou ser uma prenda especial, vejam só!

¹¹ Começou

¹² Sujo com pó negro da fuligem

¹³ Encolhido

¹⁴ Caixa com vidro à frente que se coloca na lareira para aproveitar melhor o calor